Direção editorial: Ana Kelma Gallas
Diagramação: Kleber Albuquerque Filho
Editor OMP: Eliezyo Silva
Imagem da capa: Karine Gallas

LESTU PUBLISHING COMPANY
Editora, Gráfica e Consultoria Ltda
Avenida Paulista, 2300, andar Pilotis
Bela Vista, São Paulo, 01310-300, Brasil.
(11) 97415.4679 | editora@lestu.org | www.lestu.com.br

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G641 GONTIJO, Fabiano.
Corpo, sexo, gênero: estudos em perspectiva / Fabiano Gontijo (Org.). — São Paulo, SP: Lestu *Publishing Company*, 2021.

273 p. *online*
ISBN: 978-65-996314-2-9
DOI: https://doi.org/10.51205/lestu.978-65-996314-2-9

1. Identidade de Gênero. 2. Teoria *Queer*. 3. Sexualidade. 4. Corpo. 5. Sociologia. I. Autor(a). II. Título. III. Lestu. IV.

CDD: 306.7

Índices para catálogo sistemático:
1. Gênero e sexualidade: Aspectos sociais: Sociologia: 306.7

FABIANO GONTIJO
[ORG.]

CORPO, SEXO, GÊNERO

ESTUDOS EM PERSPECTIVA

8

‘O pai do meu filho sou eu’: análise dos discursos sobre a paternidade de Thammy Miranda no portal de notícias do *Jornal do Commercio*[1]

Geovane Pereira[2]

Introdução

Os Estudos de Gênero levantaram e fomentaram questionamentos sobre o que é ser homem ou mulher na sociedade, como uma complexidade social, cultural, histórica e discursiva que compõe as estruturas, convenções e relações em sociedade (CONNELL; PEARSE, 2015). Assim, possibilitou uma compreensão do não essencialismo biológico como fundamentalismo para os papéis e comportamentos sociais sobre o feminino e o masculino, bem como levantou inquietações para si (re)pensar além da lógica binária de ser homem ou mulher, como pessoas trans, não binárias e *queer*. Ou seja, pessoas que não se enquadram nos modelos de gênero – feminino ou masculino (BENTO, 2006, 2008; BUTLER, 2018).

---

1 É necessário dizer que este texto é um fruto/fragmento resultado de um trabalho de monografia, intitulado de “Representação da paternidade trans: análise dos discursos sobre a paternidade de Thammy Miranda no portal de notícias do Jornal do Commercio” (2021). Na íntegra, a análise da monografia elegeu oito matérias que constituíram o corpus: notícias publicadas no Jornal do Commercio que noticiaram a paternidade do Thammy Miranda como pauta central. As matérias escolhidas foram sistematizadas em três agrupamentos (I- a paternidade de Thammy em questão; II- discursos defesa versus acusação em torno do nascimento do filho de Thammy; III- a polêmica propaganda do dia dos pais com a participação de Thammy), atentando-se para os temas similares e para a proximidade temporal em que foram publicadas. Neste texto, devido a adaptação do formato da monografia para capítulo, escolhemos um primeiro e o segundo agrupamento, que se alinha com a proposta do presente e-book, o primeiro trata de sentidos sobre o corpo biológico e paternidade de um homem trans, já o segundo e complementar ao trazer sentidos em torno da legitimidade das mesmas questões.

2 Mestrando em Comunicação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), graduado em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela mesma instituição (2021). Linha de pesquisa: Mídia e Processos de Subjetivação. Membro do Núcleo Estudos e Pesquisas em Estratégias de Comunicação (Nepec/UFPI) e do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Comunicação, Identidades e Subjetividades da Universidade Federal do Delta do Parnaíba e da UFPI (Nepcis/UFDPar/UFPI).

A transexualidade tem sido discutida e ganhado cada vez mais visibilidade na sociedade contemporânea, especialmente através das mídias digitais. Os espaços midiáticos tornaram-se locais de buscas e trocas de experiências e identificação, assim como proporcionaram engajamentos políticos e meios de sociabilidade para pessoas trans (ÁVILA, 2014; GENARI, 2017). Na vida contemporânea, o conjunto de lutas e movimentos realizados por grupos socialmente minorizados, os processos de conscientização e as pesquisas científicas e outras ações, como a presença de pessoas trans na mídia, tem tornado mais viável o processo de despatologização e socialização de pessoas trans em sociedade. Todavia, aspectos ligados a direitos básicos e questões simples como documentos, nomeações, modificações corporais, acesso à trabalho e saúde, vida amorosa e constituição familiar ainda são espaços carregados de convenções sociais, que discriminam e/ou marginalizam pessoas trans.

Investigar questões sociais que envolvam homens trans, torna-se um objeto de reflexão pertinente para vida contemporânea. Aspectos identitários e representativos sobre esse grupo social podem ser encarados como reflexões sociopolíticas. Assim, entender a mídia na atualidade como uma instituição de poder e também como um canal de representação social que pode interferir na vida individual e afetar nas maneiras de pensar o coletivo por meio de seus discursos foram questões que incentivaram a produção desse texto sobre a representação transmasculina. A vida social é composta por vários momentos, dentre eles o familiar. Como o aspecto biológico é algo invocado nessa constituição, percebe-se que há resistência na aceitação da formação de famílias compostas por pais e mães trans.

Nesse sentido, o presente texto tem como objetivo analisar a(s) representação(s) discursiva(s) sobre paternidade trans construída(s) pela mídia. Para este fim, buscou-se analisar a cobertura do *Jornal do Commercio* sobre os pronunciamentos de Thammy Miranda e as polêmicas envolvendo sua paternidade nas redes sociais que ganharam grande repercussão entre os seguidores e debates sociais e políticos.

A escolha do tema explica-se pelo fato de Thammy Miranda, como sujeito social, ter enunciado sua identidade de gênero (homem trans) e sua paternidade como representação da identidade transmasculina. Como material de análise, elegeu-se a série de cinco matérias jornalísticas do portal do *Jornal do Commercio* que noticiam a trajetória e/ou correlacionem a paternidade de Thammy Miranda em momentos distintos, porém em periocidades próximas. Notícias sobre o Thammy Miranda foram publicadas em outros meios de comunicação, no mesmo período em questão, para selecionar o portal de notícias utilizou-se o critério de maior

periocidade em continuidade sobre pautas que abordassem a paternidade do Thammy. Após a realização de uma busca em portais que noticiaram esses acontecimentos, constatou-se que o portal do *Jornal do Commercio* tinha uma sequência de publicações sobre o Thammy e sua paternidade. Assim, tomou-se esse veículo como observável deste trabalho. O foco desta pesquisa direcionou-se a identificar quais discursos e posicionamentos sociais se manifestavam nos espaços da mídia digital e quais representações estes poderiam apresentar sobre a questão da paternidade de um homem trans.

ADC: um modo para (re)pensar problemas, causas e efeitos sociais

Neste texto, utilizou-se da Análise de Discurso Crítica (ADC) como método analítico. O referido campo tem um caráter transdisciplinar, no qual entende o discurso como prática social, e que o mesmo é constituinte da vida social e de suas relações. A ADC possibilita um instrumental teórico-metodológico que articula análises para além da superfície do texto, em que a linguagem é entendida em uma relação *dialética* com a *sociedade* (FAIRCLOUGH, 2001; RAMALHO; RESENDE, 2011). A grosso modo, pode-se dizer que o campo da ADC compreende textos, falas, imagens como modos de produção, manutenção e reprodução de sentidos, significações e representações: forças que atuam sobre o mundo e que se fazem presentes e constituintes nas relações entre os sujeitos e grupos.

Fairclough (2001), Ramalho e Resende (2011) e Dijk (2016, 2017) defendem que a ADC se direciona, principalmente, em análises de problemáticas sociais, grupos marginalizados, assimetrias nas relações de poder, disputas de sentidos, narrativas e ideologias. Dessa maneira, analisar a representação da paternidade trans pelo campo da ADC, pode ser uma forma de levantar e apontar sentidos não visíveis em uma leitura feita na superfície do texto. A representação é uma das materializações do discurso, para Fairclough (2001) o discurso em si é representação, essa é a perspectiva que adota-se aqui sobre o aspecto representacional dos sentidos sob as discursividades e enunciados analisados.

É preciso evidenciar que pelo caráter transdisciplinar e compreensão da especificidade que cada problema social e pesquisa necessitam, o método em ADC não é fixo, dado, mas sim montável. Aqui, trabalha-se o material de análise através das categorias analíticas de ADC. Porém, a análise não se constitui de maneira categorial, mas sim analítica amparada nas categorias, realizando inferências sobre os discursos presentes nos textos. Assim, o contexto, os sujeitos, a intertextualidade, a interdiscursividade, a coesão

e outros elementos são postos de forma *dialética* (FAIRCLOUGH, 2001; RAMALHO; RESENDE, 2011) aos meios em que se inserem os textos em análise na busca das marcas das práticas sociais presentes nas notícias.

Comentando direcionamentos sobre Estudos de Gênero: transexualidades, masculinidades e paternidades

É necessário falar que a dimensão de gênero e orientação sexual não são sinônimos. Por meio das leituras de Butler (2014, 2018) e Connell e Pearse (2015), é possível observar que embora os estudos de Gênero se proponham a discutir desejo, sexualidade e as relações desses aspectos com os corpos, subjetividades e a vida social, a primeira diz respeito à autocompreensão e posicionamento comportamental sobre o mundo, sujeito social; já a segunda noção está ligada ao aspecto dos sentimentos, trocas afetivas, maneiras de amar e atrair-se por outros sujeitos. Boa parte das pesquisas de gênero se concentra em apontar a existência do ser mulher e/ou ser homem e fenômenos sociais correlacionados a essas concepções que impactam nas relações em sociedade, bem como articular para possibilidades de multiplicidades de gêneros para além do quadro binário (feminino e masculino).

Butler (2014, 2018), em proximidade com Connell e Pearse (2015), lança luz sobre o gênero como uma existência comportamental fora de um sistema biológico: binariedade. Com isso, questiona o olhar sobre o outro e provoca a reflexão sobre as barreiras da naturalização construída nas relações sociais que colocam os corpos e sujeitos "dentro de caixas".

A ideia de performatividade dos sujeitos é defendida por Butler (2018). Além disso, a autora entende a linguagem como meio de prática concreta, "pré-discursiva", de natureza cultural: discurso de "um sexo natural" que influencia na produção e manutenção de identidades (sexo/gênero) normativas, seja pelo uso individual ou coletivo. Assim, "gênero não é exatamente o que alguém 'é' nem é precisamente o que alguém 'tem'.

"Gênero é o aparato pelo qual a produção e a normalização do masculino e do feminino se manifestam junto com as formas intersticiais, hormonais, cromossômicas, físicas e performativas que o gênero assume", articula Butler (2014, p. 253). Nessa perspectiva, o gênero é um mecanismo de regulações: um discurso restritivo e hegemônico. Para tal, o gênero não é apenas uma norma reguladora como também é uma das regulações a serviço de outras regulações, afirma a autora.

Por meio das autoras supracitadas, compreende-se o gênero como uma estrutura que envolve não apenas as individualidades dos sujeitos, como também relações, instituições (espaços em sociedade) e materializações

(práticas, técnicas e objetos) sociais. Desse modo, visualiza-se o gênero não como um produto do poder, mas uma estrutura de legibilidade social daquilo que é tido como normal.

Com Foucault (2019), em *História da Sexualidade*, do século XVIII ao século XIX, é possível observar que pessoas que realizavam práticas sexuais e usos dos seus corpos que não atendiam às vigências religiosas, biológicas e normas sociais, eram condicionadas ao lugar de "anormalidade": doentes e desviantes a serem corrigidos. Embora o termo trans e estudos sobre esse tema tenham surgido no século XX, os estudos de Foucault (2019) sobre os sujeitos considerados desviantes ajudam a entender a existência do "conflito" do sexo biológico como demarcador do papel social de ser homem ou mulher.

Os discursos religiosos, médicos e psiquiátricos construíram, durante décadas, a "imagem" do ser transexual. Por meio desses discursos, significados e modos de perceber, as transexualidades foram posicionadas no meio social e validadas pelos estudos científicos (cientificismo) e clinicagem. Esses discursos institucionais são, em grande parte, responsáveis pela compreensão social sobre pessoas trans e suas transexualidades.

É notória que ainda hoje faltam espaços sociais para que as pessoas trans enunciem por si mesmas quem são, como se veem e como se sentem (construir significados sobre o mundo através delas mesmas) e falem sobre suas vivências. Isso se torna perceptível nas vozes dos sujeitos participantes dos estudos de Bento (2006), Almeida (2012) e Ávalia (2014). O lugar de condicionamento, a existência e validação de ser um homem trans ou uma mulher trans pela aprovação clínica são apontados nas reflexões do autor e autoras supracitadas. Outra questão abordada nesses estudos, são as modificações corporais como busca do discurso do verdadeiro: a reprodução biológica como legitimidade do ser homem ou mulher.

Neste texto, elegeu-se a abordagem identitária para se trabalhar o gênero, como apontamentos e a debates sobre transexualidades. Autoras como Connell e Pearse (2015) e Butler (2014, 2018) trazem um olhar social sobre constituição do gênero; e Bento (2006, 2008) não se distancia dessa perspectiva, porém direciona-se às experiências de pessoas trans e, a partir disso, reflete que as transexualidades estão ligadas a subjetividade. Isto é, processos de identificação, reconhecimento e representação de si para o mundo. É importante lembrar que nesse processo existe o fator do "olhar do outro", ou seja, o coletivo, o convívio e pertencimento a sociedade. Sendo assim, compreende-se que "[...] a transexualidade é uma experiência identitária, caracterizada pelo conflito com as normas de gênero. Essa definição se confronta com a que é aceita pela medicina e pelas ciências

psi que a qualificam como uma 'doença mental' e relaciona ao campo da sexualidade e não ao gênero" (BENTO, 2008, p. 18).

Já foi discutido a questão sobre gênero e transexualidade, agora parte-se para percepções sobre masculinidades para se definir o que se compreende como homem trans e transmasculinidade sob o viés dos estudos de Gênero. Em uma perspectiva geral sobre masculinidade, Connell (1995, p. 188) afirma que "a masculinidade é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero. Existe, normalmente, mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade". A autora entende que existem masculinidades, no plural, e essas são construídas na esfera da produção social. Ou seja, homens internalizam práticas dentro de uma norma social – modos de agir e sentir – que se diferenciam e se distanciam do que é ser mulher e daquilo que é tido como "feminino".

Connell (1995) ainda esclarece que não existem "feminilidade" ou "masculinidade" universais. Segundo a autora, as relações de gêneros incluem relações entre os homens e entre os homens e as mulheres. Logo, em um mesmo contexto cultural, podem existir várias produções sociais sobre masculinidade. Nessa direção, a estudiosa chama atenção para o fato de que essas relações podem ter vieses de dominação, marginalização ou cumplicidade. Com isso, aponta que existe uma masculinidade hegemônica e que outras configurações de masculinidades se agrupam em volta desta.

Tendo em vista as exposições de Bento (2006; 2008) e Connell (1995), pode-se pensar que os modos de agir e sentir de homens trans produzem transmaculinidades, e que essas se localizam subalternizadas em meio as normas sociais vigentes do que é ser homem, tendo em vista as demarcações biológicas e leituras corporais. Tais questões coadunam com as discussões de Almeida (2012) sobre homens trans e "aquarela de masculinidades" produzidas por esses, que define ser homem trans como experiência da "transexualidade masculina".

Almeida (2012) apresenta discussões sobre homens trans no cenário brasileiro como um aspecto necessário a se explorar. O autor entende essa expressão de gênero como uma nova categoria identitária no Brasil, no sentido de contemplar pessoas que não se reconhecem na identidade lésbica e/ou ao corpo designado como feminino ao nascer (biológico). Desse modo, não se guia a um formato único e essencializador, mas sim à compreensão e ao posicionamento de sujeitos como homens trans (categoria identitária).

Neste momento, pauta-se a discussão sobre paternidade trans. Butler (2003) apresenta discussões sobre gênero que trazem à baila

questões sobre família, parentesco e homoparentalidade. A autora discute a legitimação, ou não, do casamento gay, a partir de aspectos de ordem simbólica, que envolvem direitos políticos e sociais. Para a autora, esses aspectos são questionados como também centralizados pelo fator biológico, condicionado a um imperativo heterossexual. Com isso, aborda que paternidade e o núcleo familiar é tido como legítimo, em geral, apenas dentro da estrutura heterossexual.

Souza (2013) estruturou um estudo sobre parentalidade transgênero no Canadá em sua pesquisa de campo e da parentalidade de transexuais e travestis no Brasil. Em seu recorte de pesquisa, a estudiosa apresenta discussões sobre a categoria transgênero e os constrangimentos sociais e culturais que essas pessoas sofrem simplesmente pela demonstração afetiva, familiar, parentais e sexuais.

Por meio das discussões de Butler (2003) e Souza (2013), entende-se que a paternidade transmasculina é uma experiência que ocorre pelo papel desempenhado por meio do cuidado físico, financeiro e/ou afetivo para como uma criança ou adolescente. Outro ponto que se levanta é que a paternidade de um homem trans pode ter vínculo biológico ou não, mas que isso não é um aspecto determinante na relação de parentalidade. É preciso falar que socialmente esse exercício paternal é atravessado pelos problemas de gênero, no que diz respeito à discriminação e deslegitimação que homens trans podem vir a sofrer em decorrência do seu gênero, sobretudo pelo questionamento biológico. Isto é, a invocação do corpo como uma afirmação sobre ser pai, ligado ao ato de copulação sexual, como se o ser pai estivesse apenas ligado a esse ato, deixando de lado outros aspectos sobre o cuidado e responsabilidade sobre o feto gerado.

Desvendando o social no textual: análise dos discursos sobre a paternidade de Thammy Miranda no portal de notícias do *Jornal do Commercio*

Nosso *corpus* de análise é composto por cinco matérias que foram publicadas no *Jornal do Commercio* e noticiam a paternidade do Thammy Miranda como pauta central. Para sistematizar as matérias selecionadas para as análises discursivas, dividiu-se essas por agrupamentos, atentando-se aos temas similares e a proximidade temporal em que foram publicadas.

Partindo da vertente metodológica da ADC, seguindo as percepções de Fairclough (2001), Ramalho e Resende (2011) e Dijk (2016), observa-se a necessidade de apresentar os sujeitos que compõe o evento discursivo, sendo o texto o lugar de materialização de sentidos e posicionamento de sujeitos.

Quadro 1 – Divisão das matérias para análises por agrupamentos a partir de proximidade temporal

Agrupamento	Data	Títulos das matérias
Agrupamento I	07.01.2019 25.01.2019	(A) - ‘O pai do meu filho sou eu’, declara Thammy Miranda no Instagram (B) - Thammy Miranda dá início a seu ‘Diário de um pai’
Agrupamento II	09.01.2020 13.01.2020 14.01.2020	(C) - Nasce filho de Thammy Miranda e Andressa Ferreira (D) - Gretchen ameaça processar Carlos Bolsonaro por conta de publicação com Thammy Miranda no Twitter (E) - Damares sai em defesa de filho de Thammy: ‘Que este menino lindo seja feliz e amado por todos’

Fonte: Quadro elaborado pelo autor

O Thammy, 39 anos, é empresário, influencer, ator e repórter de programa. Ter uma vida pública não é tanta novidade para Thammy Miranda, uma vez que desde a infância vivencia o assédio da mídia por ser filho de Maria Odete Brito de Miranda, artisticamente conhecida como Gretchen – uma cantora e empresária, também reconhecida como um dos símbolos de sensualidade brasileira (a Rainha do rebolado) das décadas de 1970 a 1990.

Gretchen possui quatro décadas de carreira e vida pública e teve um novo “*boom*” de reconhecimento nacional ao participar de programas de reality show (2010 e 2011) na TV aberta brasileira, tornando-se um ícone dos memes brasileiros (a Rainha da internet[3]). A cantora teve sete filhos, sendo dois adotivos, O Thammy é o filho mais velho de Gretchen, sendo designado com o sexo feminino ao nascer, mulher. O ator teve, de certo modo, uma pressão social para seguir os passos da mãe no mundo da música e da dança, como ícone de beleza, sensualidade e rebolado.

Ainda no início dos anos 2000, Thammy era “dançarina” e chegou a posar para revista direcionada ao público adulto. Tempos depois, circulou na mídia a notícia da “homossexualidade da filha da Gretchen”. A cantora, publicamente, posicionou-se ao lado do seu filho (que por um bom tempo se entendeu como lésbica) e, em 2014, Thammy Miranda tornou pública, por meio das mídias e redes sociais sua identidade de gênero como homem trans. O ator trabalhou em novelas, cinema e peças de teatro, e integrava quadros de TV das principais emissoras de canal aberto da TV brasileira (entre os anos de 2012 a 2017). Desde 2013, Thammy tem um relacionamento com a modelo Andressa Ferreira. O romance teve idas e voltas. Em 2018, o casal realizou uma cerimônia de casamento em Las Vegas, que foi exibida no reality “Os Gretchens”, no canal de TV paga, Multishow. E, em 2019, Thammy e Andressa realizaram uma cerimônia formal no Brasil.

Miranda também se lançou na política na cidade de São Paulo, na qual disputou uma vaga de vereador nas eleições de 2016 pelo Partido Progressista. Thammy obteve 12.408 votos, sendo o segundo candidato mais votado de seu partido, porém não alcançou a cadeira. Em fevereiro de 2019, assumiria a vaga de vereador em São Paulo com a ida de Conte Lopes para a Assembleia Legislativa, mas uma decisão do Tribunal Superior Eleitoral impossibilitou a ocupação da vaga. Pela exposição do percurso percorrido pelo Thammy Miranda, citado acima, observa-se que o ator ocupou muitos espaços de poder e visibilidade, como mídia e política, cuja configuração não é uma realidade para a maioria das pessoas trans. Segundo dados da Rede Nacional de Pessoas Trans do Brasil (RedeTrans), veiculados na Agência Brasil, “82% das mulheres transexuais e travestis abandonam o ensino médio entre os 14 e os 18 anos em função da discriminação na escola e da falta de apoio familiar. Sem opção, 90% acabam na prostituição.[4]” Nota-se que não há dados específicos e referentes ao grupo transmasculino, como os dados sobre mulheres trans e travestis citados na pesquisa.

Dessa maneira, entende-se que o Thammy Miranda, é um sujeito social que teve alcance e visibilidade devido a sua configuração familiar e social e que o mesmo atua como ponto de referência para outros homens trans. Um aspecto válido é o fato de o Thammy, incialmente, se entender como lésbica. Se uma pessoa de classe alta, como o ator, que teve acesso a bons estudos e informações, houve certa dificuldade em se entender trans, imagina para alguém de classe baixa e sem acesso a informações.

Agrupamento I: A paternidade de Thammy em questão

O texto (A), intitulado “‘O pai do meu filho sou eu’, declara Thammy Miranda no Instagram”, inicia com a enunciação “Paternidade” como um chapéu da matéria, a partir dessa enunciação pode-se identificar o tema abordado na matéria.

O título apresenta quem é o sujeito pai e ainda é possível observar, por meio do uso das aspas, que se trata de uma afirmação de Thammy.

3 REVISTA DIGITAL CARAS. Gretchen é eleita a rainha da internet em 2017. “A dançarina Gretchen acaba de enfatizar o seu sucesso nas redes sociais. Depois de fazer sucesso com diversos memes, ela foi eleita a rainha da internet no Digital Awards 2017. A entrega foi feita na noite de quinta-feira, 14, durante um evento em São Paulo.” Disponível em: encurtador.com.br/hmnCS Acesso em 07. Acesso: set. 2020.

4 AGÊNCIA BRASIL – EBC. Visibilidade Trans: a realidade do mercado de trabalho para trans. Disponível em: encurtador.com.br/cgrAM Acesso em 07. Acesso em: set. 2020.

Ao fazer uso desse recurso gramatical, o jornal coloca a afirmação da paternidade sobre o sujeito. Nesse enunciado, é possível identificar o que Fairclough (2001) chama de "nominalização", que ao tratar de textos jornalísticos podem ser entendidos como conversação que remete a uma "apassivação" de uma oração ativa em passiva. Essa ação pode trazer sentidos negativos ou positivos. No texto em questão, observa-se que a nominalização é utilizada como uma forma de posicionar o Thammy e suas falas e ações como centrais. Isso é observado ao longo do corpo do texto, pois o Thammy é posto como sujeito ativo das locuções: "o ator falou", " Thammy usou", "Thammy também disse".

No texto, são pontuadas as dificuldades dos processos de fertilização que o Thammy e a Andressa, sua esposa, estavam passando para poder engravidar, seja em aspectos financeiros, seja no tocante a demandas sociais e hormonais desde que anunciaram sobre a gravidez do casal. Uma das questões que foi apresentada na matéria, como desabafo por Thammy, era o fato de lidar com questionamentos sobre "Quem é o pai da criança?".

A matéria segue trazendo as declarações do ator feitas na sua conta no Instagram, ao afirmar: "O pai do meu filho sou eu, que jamais abandonei minha esposa grávida", seguido de outras declarações sobre cuidado com a esposa, em acompanhar e ser responsável em todos os momentos.

Esses enunciados estão correlacionados a discussões sobre a paternidade transmasculina que não estão materializadas na superfície do texto com palavras que diretamente façam relação com o fato de ele (o Thammy) ser um homem trans. O aspecto biológico está no contexto como uma disputa ideológica sobre o que significa a paternidade, ou melhor, pensar quem pode exercer tal papel. Segundo Fairclough (2001, p. 49), trata-se de "um foco adicional e sobre aspectos da gramática da oração que dizem respeito a seus significados interpessoais, isto e, um foco sobre o modo como as relações sociais e as identidades sociais são marcadas na oração".

Nesse ponto, os sentidos sobre a paternidade são marcados pelo Thammy em suas orações que abordam sobre os cuidados com a gravidez de sua companheira e da responsabilidade que assumiu para com seu filho. Isso pode ser visto ao logo do texto (A), como, por exemplo, no trecho em que ele reafirma seu lugar de sujeito enquanto pai: "O pai do meu filho sou eu, que jamais vai abandoná-lo ou exigir teste de DNA para saber se ele é meu filho ou não. O pai do meu filho sou eu, que já amo incondicionalmente esse ser, independente da forma que veio. Poderia nem ter vindo da barriga da Andressa", afirmou.

Aqui, identifica-se alguns modos de agir e representar o significado interpessoal do ator que é colocado numa postura sobre o mundo e sobre o que é ser pai, na qual o fator biológico, a fecundação, não se constitui como determinante para adoção da identidade paterna. Na frase em análise, o "meu" é uma condição de afirmação e posse, assumir algo para si; enquanto a utilização do verbo conjugado "poderia" traz uma condicional, na qual o se tornar pai está imbricado não no modo da concepção de um filho (fecundação, fertilização e/ou adoção), mas sim em assumir uma série de responsabilidades para com uma criança.

Em trechos anteriores, Thammy também disse que não é "milionário" e que fez "das tripas coração" para oferecer para Andressa o melhor tratamento de fertilização possível. Ou seja, essa gravidez é algo planejado e desejado, um fator importante para o desenvolvimento de uma criança. Segundo os dados da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz, (que ouviu 24 mil mulheres entre 2011 e 2012) publicados pela BBC Brasil[5], em 2018, apontam que mais de 55% das brasileiras que tiveram filhos não haviam planejado a gravidez. Na mesma matéria são apresentadas pesquisas de professores brasileiros que expõem que mais de 500 mil abortos clandestinos são realizados todos os anos no Brasil, como resultado de gestações indesejadas.

No caso da gravidez e da gestação de Thammy e Andressa, que foi algo planejado, denota-se que ambos possuem desejo e estrutura para ter e criar uma criança em boas condições. Analisando a última retranca, "ANÚNCIO", verifica-se que o casal torna público o resultado da gravidez pelas redes sociais. Assim, existe um sentido em tornar notório quem anuncia algo que quer ser escutado. Ou seja, o enunciado da retranca traz essa conotação do tornar público, no caso, publicizar o pronunciamento que o Thammy realizou em seu perfil no Instagram.

Entender a posição de pessoa pública de Thammy Miranda é ver, em primeiro plano, uma interligação com a sua mãe. Ao longo das matérias o Thammy é nomeado como "filho de Gretchen", "ator", "apresentador". Embora tenha essa enunciação associativa a Gretchen, ele, o Thammy, é o sujeito em foco nas matérias; enquanto a esposa e o filho estão em segundo plano. Isso se deve não apenas pelo fato de ele ser famoso, uma vez que o principal embate é a masculinidade, o direito ou não do Thammy exercer a paternidade.

O tornar público é o jogo de disputas de sentidos. O ato de poder enunciar em certos espaços, como a mídia, possibilita a construção de

5 BBC BRASIL. Disponível em: encurtador.com.br/gJXZ5 Acesso em: jan. 2021.

representações do/sobre o mundo. A possibilidade e o espaço que Thammy Miranda ocupa, como um homem trans com visibilidade, no meio midiático, sobretudo a influência nas redes sociais, promove representações de um pai trans (provavelmente algo que não seria possível sem seu engajamento nas redes socias e status social), em direção a naturalização (o lugar do comum) da paternidade de homens trans por meio da exposição da sua rotina de atividades paternas por meio do "Diário de um pai".

Como lembra Dijk (2016, p. 207), "además, los grupos dominados pueden más o menos resistir, aceptar, perdonar, confabularse, consentir o legitimar tal poder e, incluso, reconocerlo como 'natural'". No caso em questão, observa-se que a postura das declarações de Thammy nas matérias aqui analisadas possui um sentido de resistência contra a legitimação da paternidade apenas por vias biológicas.

O texto (B), "Thammy Miranda dá início a seu 'Diário de um pai'", inicia-se como uma intertextualidade. O jornal utilizou enunciados realizados por Thammy em um vídeo publicado em seu perfil no *Instagram*, no qual o ator compartilha uma situação da rotina da gravidez da sua esposa: "'Dando prosseguimento no meu 'Diário de um pai'...começou. Agora ela quer parar para comprar um bolo. Você vai amamentar, vai emagrecer e eu?´, disse o ator para a esposa".

Nesse trecho da matéria, pode-se tomar o uso de "Diário de um pai" como a categoria metafórica. Segundo Fairclough (2001, p. 241), "as metáforas estruturam o modo como pensamos e o modo como agimos, e nossos sistemas de conhecimento e crença, de uma forma penetrante e fundamental". Para o autor, as metáforas são aspectos superficiais dos discursos, e que quando os sujeitos as significam de um jeito, e não de outro, são construídas realidades.

Faiclough (2001) também pontua que algumas metáforas são naturalizadas e outras são difíceis de se perceber. Na chamada da matéria, "Thammy Miranda dá início a seu 'Diário de um pai'", a metáfora é evidente, dita pelo ator, talvez, de forma natural, no sentido de descrever e compartilhar o dia a dia, tornar a rotina da sua família, que é considerado algo, relativamente, íntimo em algo público: dar visibilidade para sua intimidade, notoriedade às atividades paternas exercidas por ele.

Pode-se apontar para esse aspecto do íntimo de Thammy sendo compartilhado como algo público, uma vez que o ator enuncia isso via redes sociais. Já quando se trata do uso da fala do ator, no texto em questão, identifica-se uma metáfora ontológica (LAKOFF; JOHNSON, 2002 apud RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 147): experiência em termos de entidades, objetos e substâncias. Assim, o discurso e a metáfora são articulados

com um direcionamento a um sentido literal, a paternidade como uma experiência na prática do dia a dia de Thammy Miranda.

O aspecto da intimidada do "Diário" fica exposto na matéria, em que são publicadas as falas do ator sobre o processo de fertilização, a insegurança da esposa, o desejo dela em comer um bolo, no embate do caso em pensar os nomes se for menina ou menino, etc. No final de 2020, o casal começou a pensar em nomes para o futuro filho: "'Se for menino, Teodoro ou...Teodoro!', disse o ator. Andressa contestou: 'Ou Joaquim, ou Miguel'. Mas Thammy insistiu. Se for menina, o casal pensa em Antonella ou Manuela".

A sequência do corpo do textual com as falas e momentos do casal sobre a anseio pela gravidez gera esse sentindo do íntimo, da experiência, da significação que buscam na paternidade. Isso também constrói um modo de naturalizar a posição de um homem trans como pai, no sentido de acompanhar a gravidez de seu filho. No caso de Thammy, foi um processo de fertilização com a sua esposa.

Agrupamento II: discursos defesa *versus* acusação em torno do nascimento do filho de Thammy

Nesse momento da análise, entra em cena o filho do casal. Até então as disputas de sentidos estavam centralizadas apenas na paternidade de Thammy, na não legitimidade dessa posição, uma vez que não contava com o fator biológico como eixo norteador desse lugar. Agora, pode-se observar como o filho direciona os discursos no sentido de questionar sobre como o exercício de pai será efetivado.

A chamada da matéria "Nasce filho de Thammy Miranda e Andressa Ferreira", texto (C), com o subtítulo "Filho de Gretchen usou redes sociais para falar do nascimento" expõe uma correlação na questão familiar, no qual o fato de ser filho é uma discursividade nessas apresentações. Logo, Thammy ganhou visibilidade e fama nacional por ser filho da Gretchen. Agora a seu filho, o Bento, é dada essa notoriedade por ser filho do Thammy e neto da Gretchen.

Além disso, em quase em todas as matérias, Thammy é referenciado com filho da Gretchen, ou a própria Gretchen é noticiada em favor do seu filho. No trecho "Frequentemente, o filho de Gretchen usa as redes sociais para desabafar sobre o preconceito que sofre por ser trans e como lida com isso e a família que decidiu constituir", é empregado um adverbio de intensidade, "frequentemente", o qual dá um sentido de constância. E esse sentido põe em dúvida a paternidade, por questionar sua masculinidade enquanto "sofrer por ser trans". Aplica-se no uso desses, como categoria

de coesão, o uso de advérbios. Fairclough (2001) aborda que o uso de advérbios de intensidade direciona para uma avaliação e marcas de afirmações sobre ações. Após o advérbio frequentemente, constam os verbos que compõe o sentido do enunciado, "desabafar" e "construir" e, entre eles, são levantados o aspecto do preconceito sobre sua paternidade, sobre estruturar uma família e como isso é esvaziado pela visão biológica do que é a célula familiar, ao ponto de Thammy, constantemente, afirmar sua paternidade por meio de seus atos para com sua família.

O uso de conectivos também pode apresentar sentidos sobre a abordagem do nascimento de Bento. Pois os conectivos são responsáveis por ligar as orações, demarcam períodos e as preposições nos textos. No início da matéria é posto "Andressa Ferreira deu à luz Bento, filho com Thammy Miranda", perceba que Andressa, nesse momento, está como sujeito ativo da oração, "ela deu à luz", logo, ela é mãe. Porém, quando insere o Thammy no texto em relação a esse acontecimento, é utilizado o conectivo "com", que remete ao sentido de ambos se tornarem pais. Por sua vez, o conetivo "de" poderia ser empregado já que se trata da origem do Bento, filho do casal. Assim, induz que a escolha do "com" ao invés do "de" pode apresentar o sentido compartilhamento da paternidade, mas sem essa ligação de origem biológica.

Tem algo tênue nesse tornar público. Geralmente, um pai cisgênero não é "cobrado" ou suas ações paternas questionadas em espaços públicos, como em redes sociais, como aconteceu no caso de Thammy. Quando isso é realizado, esse sujeito ganha um *status* de superpai por cumprir o "seu papel".

É importante dizer que esses enunciados – "o pai do meu filho sou eu" – geram sentidos de afirmação nas matérias em questão. E essas afirmações são polifônicas, pois, ao trazer as declarações/afirmações de Thammy, o texto jornalístico compartilha a forma com que o *influencer* se representa para o mundo. O enunciado deste texto é anterior ao nascimento de Bento, como pode ser observado na matéria no trecho que afirma: "disse no início da gestação", após utilizar a citação de Thammy no seu perfil do *Instagram*.

Ou seja, o jornal trouxe uma declaração anterior ao acontecimento noticiado na matéria (C) para afirmar a paternidade de Thammy em relação ao acontecimento noticiado, o nascimento de Bento, filho do Thammy e da Andressa. A ação de trazer enunciados anteriores ao acontecimento discursivo noticiado implica em marcas de interdiscursividade. Conforme Fairclough (2003 apud Ramalho e Resende, 2011, p. 142).

"A interdiscursividade é, em princípio, uma categoria representacional, ligada a maneiras particulares de representar aspectos do mundo". O autor ainda comenta que os discursos particulares são associados aos campos sociais e " [...] interesses e projetos particulares, por isso podemos relacionar discursos particulares a determinadas práticas. É possível identificar diferentes discursos observando as diferentes maneiras de "lexicalizar" aspectos do mundo" (FAIRCLOUGH, 2003 apud RAMALHO; RESENDE, 2011, Ibidem).

Desse modo, entende-se que o *Jornal do Commercio* apresenta uma intenção de afirmar a paternidade do Thammy, pois o jornal utiliza declarações anteriores ao acontecimento noticiado a fim de chegar a essa conclusão a partir das publicações do ator nas redes sociais e das matérias anteriores, que tratam dessas declarações, como nos textos A e B. Essa postura na construção do texto colabora para construção da paternidade trans, uma vez que essa representação é pautada e retomada. Outro ponto que um importante ser visto dentro das matérias é a exposição e a ênfase nos procedimentos de fertilização in vitro (FIV) que o casal realizou

fig.1- Publicação de Carlos Bolsonaro no Twitter (Foto da repercussão)

Fonte: portal Jornal do Commercio (internet).

fora do Brasil, em Miami nos Estados Unidos da América (EUA). Esses procedimentos são tratamentos caros, ainda mais se alguém sai do Brasil para os EUA. Assim, ao enfatizar a cidade de Miami como chapéu na matéria (C) e expor essa localização ao longo das outras matérias, subentende-se que o jornal pretende assinalar que Thammy e Andressa possuem um alto poder aquisitivo, um privilégio social e econômico que permitiu ao casal a possibilidade de engravidar através de tais procedimentos.

Thammy alcançou popularidade, inicialmente, por ser filho da Gretchen, mas, com o passar do tempo, ele desenvolveu seus caminhos pela mídia e política. Mesmo fazendo essa observação, verifica-se que, em várias polêmicas que envolvem Thammy e/ou sua mãe, o público se posiciona a favor do filho, já que ela possui um engajamento maior nas redes sociais em decorrência tanto da quantidade de seguidores e fãs do seu trabalho, e até mesmo pelo fato de ela ter se tornado um ícone da internet no Brasil. Em praticamente todas as matérias que compõem o quadro de análise deste trabalho, Gretchen é mencionada para se referir ao Thammy, que é enunciado como “filho da Gretchen”.

A matéria (D) traz como chamada “Gretchen ameaça processar Carlos Bolsonaro por conta de publicação com Thammy Miranda no Twitter”. Como o próprio enunciado apresenta, a mãe de Thammy se posicionou publicamente via rede sociais logo após Carlos Nantes Bolsonaro, político brasileiro e segundo filho do atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, compartilhar em seu perfil no *Twitter* uma foto em que Thammy está com sua esposa e o filho recém-nascido acompanhada da seguinte legenda: “Felicidades para você e sua família, irmão”.

Primeira coisa a se observar é o título da matéria (D), “Gretchen ameaça processar Carlos Bolsonaro por conta de publicação com Thammy Miranda no Twitter”, que utiliza a palavra “ameaça” para se referir ao posicionamento da Gretchen em relação a ação do Carlos Bolsonaro. Aqui, vê-se uma escolha de enunciação, na qual apresenta a disputa, a divergência, a briga, isto é, criar dois lados em que o ato de “ameaça” induz à agressão.

Além disso, pode-se apontar que o uso constante da palavra “mãe” nas matérias analisadas, em especial na (D), no trecho “a mãe de Thammy perguntou a Carlos o porquê daquela postagem em sua timeline”, gera uma pressuposição da proteção materna, a mãe que vai em defesa do seu filho. Pressuposições, conforme Fairclough (2001, p. 155), “[...] são proposições que são tomadas pelo(a) produtor(a) do texto como já estabelecidas ou ‘dadas’”. Em um segundo momento, deve-se pontuar o porquê da postura de Gretchen em relação à publicação de Carlos Bolsonaro. E uma possível resposta seria o fato de Carlos Bolsonaro e seu pai, Jair Messias

Bolsonaro, seguirem e defenderem um conjunto de ideais conservadores e se posicionarem publicamente como de Direita, cristãos, conservadores e a favor da “família tradicional brasileira”. Ambos sempre realizaram discursos LGBTQfóbicos, com enunciados discriminatórios e preconceituosos.

Atualmente, no Brasil, impera uma hegemonia do pensamento conservador e isso acontece por meio de diferentes discursos e ideologias. De acordo com Ramalho e Resende (2011, p. 22), “a luta hegemônica travada no/pelo discurso é uma das maneiras de se instaurar e manter a hegemonia. Quando o abuso de poder é instaurado e mantido por meio de significados discursivos, está em jogo a ideologia”.

Geralmente, os pró-Bolsonaro usam suas redes sociais para realizar esses discursos e defendem sua postura como “liberdade de expressão”. A ideologia do atual governo, dos pró-Bolsonaro e os que compartilham da mesma visão de mundo negacionista e conservadora apresentam suas pautas explicitamente, dentre as quais a defesa de um pensamento hegemônico em torno de uma estrutura familiar patriarcal. Nesta postura, por exemplo, um homem trans e uma gravidez realizada por fertilização *in vitro* não entrariam em sua visão/organização de mundo. Para Fairclough (2001, p. 117), “As ideologias embutidas nas práticas discursivas são muito eficazes quando se tornam naturalizadas e atingem o *status* de ‘senso comum’; mas essa propriedade estável e estabelecida das ideologias não deve ser muito enfatizada.”

Assim, pelo contexto e postura ideológica de Carlos Bolsonaro, bem como pelo histórico de “brincadeira e piadas” discriminatórias que tanto ele como seu pai costumam fazer em discursos púbicos e nas redes sociais, é que se aponta que, ao publicar a foto da família do Thammy em seu perfil pessoal do *Twitter* (principal meio de diálogo com seu público) o felicitando pela família e chamá-lo de “irmão”, pode constituir um sentido contrário ou irônico. Na polêmica apresentada pelo jornal, é utilizada a foto de Thammy e sua família que foi publicada por Carlos Bolsonaro na sua rede social, as declarações de Gretchen em defesa do seu filho e recortes de outros textos extraídos de vídeos, comentários e publicações feitas no *Twitter* no corpo da matéria. Nota-se que a matéria se diferencia das outras que, geralmente, usavam apenas legendas de *posts*, uma vez que faz uso de fragmentos de textos dentro das matérias que objetivam construir sentidos que interessam ao jornal. Conforme Fairclough (2001, p. 114), uma “[...] propriedade que têm os textos de ser cheios de fragmentos de outros textos, que podem ser delimitados explicitamente ou mesclados e que o texto pode assimilar, contradizer, ecoar ironicamente, e assim por diante” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 114). Por isso, a reação da Gretchen mediante ao

post do político conservador. Após o vídeo publicado pela mãe de Thammy, Carlos Bolsonaro apagou a legenda, porém manteve a foto em sua conta da rede social. Isso, reforça o suposto sentido contraditório e/ou irônico do enunciado do político. Quando se leva em conta o posicionamento conservador e LGBTQfóbico de Carlos Bolsonaro nas redes sociais e quando se verifica que não há uma ligação afetiva entre ambos, é possível desconfiar dos interesses de Carlos Bolsonaro ao enunciar uma declaração de felicitações em seu perfil no *Twitter* e ainda mais ao ponto de chamá-lo de "irmão". Desse modo, pode-se inferir que a postagem de Carlos Bolsonaro contém um sentido irônico, uma enunciação que se contradiz ao que está escrito. Esse sentido de ironia fica mais evidente nas falas da Gretchen ao questionar qual era o motivo daquela postagem, que razão teria para usar a imagem de seu filho. A cantora chega a dizer que iria processá-lo. Na ocasião, chamou-o de "bossal" e o questionou se "queria fazer gracinha", referindo-se a foto postada. Em todas as declarações da mãe de Thammy veiculadas em suas redes sociais e publicadas na matéria (D), pode-se notar o uso expressivo de aspas, recortes de declarações em tom de ameaça. Dentre os questionamentos feitos por Gretchen no comentário em resposta a Carlos Bolsonaro, destaca-se: "Queria poder assumir a sua posição e não pode. Triste, né?". Por meio da imagem e da repercussão, contexto do nascimento do filho do Thammy e pelos questionamentos de Gratechen, induz-se que todo o sentido irônico presente na postagem de Carlos Bolsonaro esteja relacionado à paternidade de Thammy, na deslegitimação dele enquanto um homem trans a desempenhar o papel de pai. Esses sentidos são trabalhados no âmbito da ironia, no não-dito das posturas ideológicas assumidas pelo político, bem como não se descarta o longo histórico da família Bolsonaro de fazer "piadas" que atingem negativamente grupos socialmente minorizados.

Ainda sobre o viés ideológico, a matéria (E), "Damares sai em defesa de filho de Thammy: 'Que este menino lindo seja feliz e amado por todos'", publicada no dia seguinte a matéria (D), traz um posicionamento da ministra de Estado da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves. A ministra está alinhada com o pensamento ideológico do atual governo brasileiro. Ela é pastora protestante e ganhou repercussão no Brasil após a declaração de que "meninos vestem azul, e meninas vestem rosa", por meio da qual demostra e reafirma a necessidade de se manter padrões de gêneros baseados no fator biológicos e determinações sociais em uma linha conservadora e religiosa. Ao longo do seu tempo como ministra, ela levantou várias polêmicas sobre sua postura em relação a questões de gênero direcionadas às crianças. Na matéria (E) em questão, Damares pede respeito pela criança. A ministra realizou esse pedido em redes sociais, como é exposto na notícia, tendo correlação com a publicação de Carlos Bolsonaro. Seu quadro de seguidores é uma comunidade virtual que atacam todos aqueles que divergem da postura política de direita e conservadora. Isso é mais evidente quando o *Jornal do Commercio* utiliza a retranca "Carlos Bolsonaro fez piada" e traz para o corpo do texto o fato de Thammy ser "alvo de brincadeirinhas que beiram preconceito", em relação ao nascimento do seu filho.

Infere-se que o uso do diminutivo do verbo brincar, "brincadeirinha", refere-se à postura de pessoas que perseguem Thammy no meio virtual: tratando a identidade de gênero e a paternidade de um homem trans como algo inferior, algo sem validação, algo a ser ridicularizado. Na ocasião, a ministra se utilizou de sua conta pessoal no *Twitter* para pedir aos seus seguidores, ou seja, o grupo de sujeitos que compartilham da sua visão de mundo e que comungam com o Carlos Bolsonaro, para não envolver a criança nas discussões nas redes sociais. ''Peço aos meus seguidores e amigos que não cometam o erro de compartilharem palavras negativas contra o bebê tão somente por pensarem diferente de Thammy'', postou a ministra.

Observem que Damares pede para seus seguidores não cometerem o mesmo erro, mas qual erro? Erro de quem? Seria o de Carlos Bolsonaro e de seus seguidores que postaram imagem da família de Thammy no momento do nascimento de Bento com frases irônicas e/ou com discursos de ódio? O chapéu da matéria (E) está como EMPATIA, porém em nenhum momento a ministra direciona sua empatia para Thammy, mas sim em relação à preocupação com o Bento. Isso se torna mais visível quando a ministra pede para seu grupo de seguidores não se dirigir negativamente ao bebê por "pensarem diferente do Thammy".

Qual seria a esfera da diferença de Thammy? Seu grupo de seguidores que compartilham do mesmo pensamento de organização de mundo pensam como? Partindo novamente do viés ideológico como uma forma de estruturar o mundo e suas relações e tendo em vista o histórico sobre polêmicas que envolvam discussões de gênero na vida política da ministra, pode-se deduzir que essa diferença esteja ligada ao fator biológico, ao fato de Thammy ser um homem trans. Ou seja, a "diferença" consiste em divergir na visão de mundo, incluindo a concepção do gênero ("meninos vestem azul, meninas vestem rosa", tal como defende Damares em seus discursos). O termo "diferença" em relação ao Thammy pode ser uma demarcação implícita sobre o comportamento de gênero, que é usado como baliza de uma estrutura de um núcleo familiar patriarcal e heterossexual, de maneira que tudo aquilo que passa dessa formação é a "diferença", o "outro".

Mesmo baseada nas prerrogativas de um núcleo familiar patriarcal e na defesa dos discursos de gênero, a ministra Damares solicita “respeito” pela criança e que ela cresça sendo amada por todos e com muita alegria e saúde. O que não significa dizer que a ministra abriu mão de suas ideologias e pautas conservadoras que tanto defende. Nesse contexto, pode ser colocado como o gênero afeta as famílias, de tal maneira que para um homem trans é difícil atuar e exercer uma paternidade numa sociedade em que grupos hegemônicos ressaltam a importância dos aspectos biológicos como definidores da maternidade e da paternidade, que são postos como verdades absolutas e modelos a serem seguidos. Do mesmo modo, é possível perceber como a internet, sobretudo as redes sociais, têm atuado como um canal privilegiado de discussão, aprovação e/ou reprovação sobre quem pode ser pai e/ou mãe e validar a paternidade baseado naquilo que se adota como visão de mundo, como pode ser verificado no caso do Thammy. Nesse evento discursivo, apresentado nas matérias aqui analisadas, é visível o questionamento da validação da paternidade pelo fator biológico, pelos marcadores ideológicos que constituem a percepção de família baseada no conservadorismo e valores religiosos.

Considerações finais

A representação da paternidade do Thammy Miranda no discurso do *Jornal do Commercio* foi construída de forma interdiscursiva e contextual, pois o jornal apresentava as enunciações do Thammy e de outros personagens que declarassem as atividades desempenhadas pelo Thammy, que envolvessem atos de cuidado, afetos e de suprir as necessidades do seu filho como a legitimação do exercício paterno, logo, isso construía o sentido de ser pai. Assim, a ideia de paternidade, transmitida no interdiscurso do jornal, pauta-se no valor de exercícios, e não na fundamentação biológica, como defende as ideologias conservadoras que podem ser percebidas nas matérias analisadas por meio dos sujeitos presentes nos textos que invocam concepções conservadoras e religiosas.

Com a análise do material, conclui-se que disputas de sentidos foram travadas através das redes sociais, por meio de discursos de ódio, discriminação e negação da existência ou possibilidade do Thammy ser pai por aspecto biológico em ser um homem trans. Nas matérias, houve uma sequência de enunciações das atividades paternas exercidas por Thammy Miranda, o que levou a gerar sentidos de representações sobre a paternidade como trans, a pensar a paternidade não apenas sob o viés de fecundação, mas sobre aqueles sujeitos que se colocaram a exercer a paternidade nos cuidados, afetos e proteção de uma criança.

Pela constituição do Thammy como sujeito, pelas marcas textuais, sociais e contextuais presentes nas matérias analisadas, pode-se dizer que Thammy Miranda é um homem trans que exerce uma grande representação em torno da sua vida pública, ao trazer vivências de um homem trans e pai. Porém é valido destacar que Thammy Miranda é uma realidade à parte da maioria dos homens trans brasileiros, pois ele teve acesso a ensino de qualidade, processos de transição, hormonização, segurança física, trabalho em grandes emissoras, é branco e rico. Fator que de algum modo lhe possibilitou realizar uma fertilização fora do Brasil, bem como ter o alcance público e visibilidade em apresentar o “diário de pai” de um homem trans para seus seguidores nas redes sociais.

Referências

ALMEIDA, Guilherme. “Homens trans”: novos matizes na aquarela das masculinidades?. *In*: **Revista Estudos Feministas**, v. 20, n. 2, p. 513-523, 2012. Disponível em: encurtador.com.br/quAP4 Acesso em: 06 set. 2020.

_______. Diversidade de Gênero, violência e a importância de uma compreensão ampliada do tema. *In*: **Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**, v. 16, n. 1, 2018. Disponível em: encurtador.com.br/lIQ67 Acesso em: 20 dez. 2020.

ÁVILA, Simone Nunes *et al*. **FTM, transhomem, homem trans, trans, homem**: a emergência de transmasculinidades no Brasil contemporâneo. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas). Universidade de Santa Catarina. Florianópolis, 2014.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: Sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

_______. **O que é Transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BUTLER, Judith. O parentesco é sempre tido como heterossexual? *In*: **Cadernos Pagu**, n. 21, p. 219-260, 2003. Disponível: encurtador.com.br/bzVY3 Acesso em: 06 set. 2020.

_______. Regulações de gênero. **Cadernos Pagu**. n. 42, p. 249-274, 2014. Disponível em: encurtador.com.br/nqKO4 Acesso em: 19 dez. 2019.

_______. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CONNELL, Robert [Raewyn]. Políticas da masculinidade. *In*: **Revista Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995. Disponível: encurtador.com.br/wAHKR Acesso em: 12 jul. 2020.

CONNELL, Raewyn.; PEARSE, Rebecca. **Gênero uma perspectiva global**. Trad. Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2015.

DIJK, Teun A. Van. Análisis Crítico del Discurso. *In*: **Revista Austral de Ciencias Sociales.** n.30., p. 203-222, 2016. Disponível em: encurtador.com.br/vPQW0 Acesso em: 14 maio 2020.

_______. **Discurso e poder**. Trad. Judith Hoffnagel e Karina Falcone. 2. ed., 3. reimp. São Paulo: Contexto, 2017.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Trad. Izabel Magalhães. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1:** a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerquer. 9. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Paz & Terra, 2019.

GENARI, Tayná Riberio**. Processos de identificação de gênero e transexualidades na era das mídias digitais**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de São Carlos. São Carlos; SP, 2017.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane. **Análise de discurso (para a) crítica**: o texto como material de pesquisa. Campinas; SP: Pontes: 2011.

SOUZA, Érica Renata. Papai é homem ou mulher? Questões sobre a parentalidade transgênero no Canadá e a homoparentalidade no Brasil. *In*: **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 56, n. 2, 2013.